

MULHER E PERSONAGEM: A FICCIONALIDADE NA AUTOBIOGRAFIA DE CATALINA DE ERAUSO¹

Rayane Melo Tavares de Lima²
Brenda Carlos de Andrade³

RESUMO: No estudo da literatura hispano-americana, o período colonial representa um ponto crucial, pois o cenário criado com o achamento do Novo Mundo proporciona o encontro de diferentes culturas, que passam a estabelecer negociações culturais inteiramente novas. Nesse contexto, as mulheres tiveram a oportunidade de quebrar com os paradigmas europeus vigentes, no qual viviam apenas para o lar, ou para o noviciado. Foram muitas as mulheres que, munidas de armaduras e espadas, ou tinta e papel, lutaram por sua pátria e pela mudança da sua condição. No entanto, não são muitos os registros das tantas façanhas realizadas por essas mulheres, bem como os poucos registros parecem ter sido esquecidos por um longo tempo na história. Hoje se faz necessário o resgate desses escritos, pois só através do próprio discurso feminino é possível romper com o estereótipo de mulher construído a partir deste período. Por essa razão, esse trabalho pretende resgatar a voz feminina através do relato autobiográfico de Catalina de Erauso (1585-1650). Durante a análise, nossos principais objetivos foram perceber como se estabelecem os elementos autobiográficos na obra *Historia de la Monja Alférez*, de D. Catalina de Erauso, bem como quais imagens e modelos femininos transgressores são representadas pelo personagem histórico. A construção deste trabalho se fez por uma metodologia essencialmente bibliográfica, fundamentada em um estudo conceitual através das leituras de autores como Adriana Valdés (1993), Juan Francisco Maura (2005), Judith Butler (2007), Phillip Lejeune (2008) e Serge Gruzinski (2001). Por fim, concluímos com nossa análise que o termo “mulher” na América colonial englobava não apenas uma convenção determinada pelo contexto histórico e social, mas sim uma categoria ampla e diversificada, que não pode ser delimitada por um único modelo, pois nenhuma identidade é completa e imutável. Deste modo, este estudo buscou resgatar a voz de uma mulher para desmistificar alguns pressupostos errôneos, assim como reivindicar um espaço, mais que merecido, da literatura feminina do período colonial.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia – Catalina de Erauso – identidade – gênero.

RESUMEN: En el estudio de la literatura hispanoamericana, el período colonial representa un punto crucial, pues el escenario creado con el hallazgo del Nuevo Mundo proporciona el encuentro de diferentes culturas, que pasan a establecer negociaciones culturales enteramente nuevas. En ese contexto, las mujeres tuvieron la oportunidad de romper con los paradigmas europeos vigentes, que les determinaba una vida para el hogar o para el noviciado. Fueron muchas las mujeres que, con armaduras y espadas, o tinta y papel,

¹ Artigo científico orientado pela professora Brenda Carlos, apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE).

² Graduada em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Professora de Literatura de Língua Espanhola na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

lucharon por su patria y por el cambio de su condición. Sin embargo, no son muchos los registros de las tantas hazañas realizadas por esas mujeres, bien como los pocos registros parecen haber sido olvidados por un largo tiempo en la historia. Hoy se hace necesario el rescate de esos escritos, pues solo a través del propio discurso femenino es posible romper con el estereotipo de mujer construido a partir de este período. Por esta razón, ese trabajo pretende rescatar la voz femenina a través del relato autobiográfico de Catalina de Erauso (1585-1650). Para el análisis, nuestros principales objetivos fueron percibir como se establecen los elementos autobiográficos en la obra *Historia de la Monja Alférez*, de D. Catalina de Erauso, bien como cuales imágenes y modelos femeninos transgresores son representadas por el personaje histórico. La construcción de este trabajo se realizó por una metodología esencialmente bibliográfica, fundamentada en un estudio conceptual a través de las lecturas de autores como Adriana Valdés (1993), Juan Francisco Maura (2005), Judith Butler (2007), Phillip Lejeune (2008) y Serge Gruzinski (2001). Por fin, concluimos que el término “mujer” en la América Colonial incluía no apenas una convención determinada por el contexto histórico y social, pero también una categoría amplia y diversificada, que no puede ser delimitada por un único modelo, pues ninguna identidad es completa e inmutable. De este modo, este estudio buscó rescatar la voz de una mujer para desmitificar algunos presupuestos erróneos, así como reivindicar un espacio, más que merecido, de la literatura femenina del período colonial.

PALAVRAS-CLAVE: autobiografía – Catalina de Erauso – identidad – género.

1. Introdução

O achamento/descobrimiento do Novo Mundo representou o berço para o nascimento de uma nova organização social, advinda da mistura dos costumes dos europeus e dos nativos americanos. Quando voltamos o olhar para esse momento crucial da história, percebemos que a maioria dos documentos que chegam até nós são da perspectiva do homem branco, europeu e cristão. Essa perspectiva limita nossa compreensão das reais negociações culturais da época da colonização. Por essa razão, este estudo visa resgatar a voz feminina presente no período colonial, por muito tempo silenciada. Para cumprir com tal propósito iremos, em um primeiro momento, fazer um estudo teórico a respeito do gênero literário autobiografia, bem como estabelecer a relevância desse gênero para este trabalho. Em um segundo momento, iremos trabalhar com os conceitos de identidade e gênero, fundamentais para uma compreensão mais ampla da experiência feminina no período colonial na América Hispânica.

Reputamos fundamental conhecer de perto a vida dessa mulher, de acordo com sua própria percepção da realidade a seu redor. Sabemos que se convencionou uma identidade feminina estável para este período histórico – a mulher educada para o lar ou para o convento – mas, certamente, a categoria “mulher” não é tão estável e homogênea que possa ser entendida de forma única, como será possível perceber através da autobiografia de Catalina. Assim, pelo olhar dela, buscamos refletir sobre essas questões fundamentais levantadas por Judith Butler, em sua obra *El género en disputa*:

¿Existe “un” género que las personas *tienen*, o se trata de un atributo esencial que una persona *es*, como lo expresa la pregunta: “¿De qué género eres?”? Cuando las teóricas feministas argumentan que el género es la interpretación cultural del sexo o que el género se construye culturalmente, ¿cuál es el mecanismo de esa construcción? Si el género se construye, ¿podría construirse de distinta manera, o acaso su construcción conlleva alguna forma de determinismo social que niegue la posibilidad de que el agente actúe y cambie? (2014, p. 56)

Os questionamentos levantados por Butler nessa citação seguem em direção ao seu posicionamento, que permeia sua obra, de que existe um componente construído no

que concerne à identidade feminina (masculina, na verdade construída em relação a identidade de gênero). O que, de certa forma, ela combate é uma maneira de conceber o gênero como uma construção estática e imutável. Sobre isso, muito se discute e o assunto que ainda pode ser visto como um tabu para a maioria. As identidades de gênero que, ao longo da história, se estabeleceram fora do padrão podem ser vistas como transgressoras ou alternativas. E as estratégias para seguir com essa transgressão foram múltiplas.

Há 500 anos como agiam as mulheres para burlar a autoridade dos homens? Temos relatos significativos da incrível coragem de Catalina de Erauso, que de posse da espada, foi um alferes digno de honra e respeito. Essa mulher tão original e destemida é a razão desse estudo, pois acreditamos que sua vida e obra tenham muito a nos oferecer. Por essa razão, o editor da autobiografia de Catalina declara: “Yo he creído que su historia debe ser publicada; su memoria transmitida à la posteridad, como un nuevo ejemplar que aumenta la colección de estos fenómenos raros, que así merecen escitar la curiosidad del fisiólogo y del filósofo, como la del hombre público.” (EURASO, 1838, p. 9-10)

Foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho o aporte de teórico de autores como Edmundo O’Gorman (2006), Juan Francisco Maura (2005), Serge Gruzinski (2001), para compreensão da América Latina; Phillipe Leujene, Ruth Klüger (2009), para um melhor aporte sobre a autobiografia; e, Judith Butler (2007), para os conceitos de identidade e gênero.

Para dar conta de todos os elementos que pretendemos abordar, o artigo estará organizado em seis tópicos: (1) introdução; (2) um tópico teórico com um breve histórico sobre o gênero autobiográfico; (3) a análise dos elementos autobiográficos na obra de Catalina de Erauso; (4) discussão teórica relativa aos conceitos de identidade e gênero; (5) análise dos elementos de identidade e gênero na obra da autora; (6) e, por fim, considerações finais.

2. O Eu posto em cheque na autobiografia

“Peço desculpas por me expor assim diante de vocês; mas penso que é mais útil contar o que se sentiu do que simular um conhecimento independente de todo e qualquer observador. Na verdade, não existe teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de alguma autobiografia”

Paul Valéry

Em meio à era da informação, do conhecimento compartilhado e da globalização das ideias, temos acesso as mais diversas histórias de vida. Elas circulam em blogs, no youtube, em revistas e nos mais diversos suportes. Em cada lugar do mundo uma história surge e é compartilhada sem que o tempo nem a distância sejam barreiras. Milhares de histórias surgindo todos os dias: começos, recomeços, finais. Milhares de pessoas que nascem e que morrem, diariamente. Do mais simples, ao mais incrível acontecimento, tudo ganha uma repercussão enorme, e, no dia seguinte, não existe mais. Cerca de 100 anos atrás pareceria impossível pensar em um cenário como este, em que as histórias de vida teriam tal notoriedade, mas as autobiografias tem tido um crescente ganho de atenção, tanto no âmbito acadêmico, quanto no social, especialmente com o advento da tecnologia e da globalização. As experiências de vida de famosos e anônimos têm atraído a atenção e o interesse das pessoas, fazendo com que o gênero se torne cada dia mais popular. As reflexões propostas a partir das narrativas de vida, tal como hoje ocorrem, só fazem sentido no contexto moderno. Entretanto, a autobiografia tem sua existência

traçada a partir da Antiguidade. Deste modo, para não deixar lacunas, iremos tecer, no decorrer desse tópico, a construção histórica do gênero até a modernidade.

A história da autobiografia inicia-se na Grécia, porém não como representação da individualidade, uma vez que neste período a individualidade era indissociável da coletividade. Vale frisar, que não ficaram, para posteridade, exemplares dessa modalidade literária, de modo que sua existência é atestada apenas por citações de outros autores. Ao tentar reconstruir o caminho da autobiografia no período grego, observamos o *bios* grego, que narrava a vida do indivíduo para representar a vida de um povo inteiro. As *hypomnemata*, cartas de memórias e registros, que são consideradas por Foucault (1983) como uma espécie de tesouro acumulado para depois ser relido, considerando-se assim que já representavam uma escrita do eu, fazendo uso da memória, apesar de ainda não demonstrarem reflexão. E as *efemérides*, diários da vida pública ou burocrática do autor. Posteriormente, esses três gêneros confundem-se.

Mais tarde, advindo da Retórica aristotélica, surge o *encomium* propondo um novo tratamento da individualidade. Um tratamento que busca o discurso elogioso através da utilização de *topoi* neutros para que contribuíssem para maiores estudos filosóficos. São representativas deste momento obras de cunho filosófico ou político, como *Ta eis heautón*, de Marco Aurélio, e *Commentarii*, de Júlio César, respectivamente.

Na Idade Média, ao contrário do que aponta o senso comum, a autobiografia esteve presente com o objetivo de registrar a vida de reis e santos, é o caso da autobiografia de São Tomás de Aquino e São Francisco. As Confissões do Santo Agostinho, escritas no século IV, vão representar um importante modelo de autobiografia por ter como característica a introspecção psicológica e existencialista e irão influenciar, séculos mais tarde, escritores como Rousseau.

De maneira geral, as autobiografias escritas no período da Renascença não apresentam o desenvolvimento da personalidade, nem mostram preocupação com a cronologia. Buker (1994) procura resgatar a importância das obras escritas nesse período, mostrando como a produção autobiográfica foi importante na Itália no século XVI, influenciando outros países e despertando interesse pelo gênero. A *Vita di Benvenuto Cellini* (1558) é um dos exemplares da produção desse momento que tem importância até hoje.

Apenas no século XVIII ocorrerá uma mudança significativa: “se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento” (BURKE, 1994, p. 97). Esta nova concepção de sujeito toma conta desse século e poderá ser observada nas obras de autores como Descartes, Rousseau, Chateaubriand, Stendhal, André Gide e Michel Leiris.

O termo autobiografia (autobiography), porém, só irá surgir na Inglaterra, por volta do ano de 1800 sendo atribuído ao poeta Robert Southey. Na Espanha, a palavra aparece pela primeira vez com a escritora Emilia Pardo, cerca de sessenta anos mais tarde. O surgimento do neologismo marca claramente a característica moderna do gênero, que passa a ganhar força com a lógica do indivíduo. Porém, a natureza da palavra passa a causar problemas no que diz respeito ao seu teor literário:

La claridad con que la triple raíz griega de la palabra autobiografía esboza los componentes fundamentales del género (relato de la vida de una persona escrito por sí misma) hizo pensar durante mucho tiempo que los textos que se escogen a esta fórmula eran relatos fáciles, sin otros problemas que los derivados de su carácter referencial y comprobable. Existía un prejuicio con respecto a la autobiografía que negaba el estatuto literario a ésta, toda vez que

a su autor le viene ya dada sin necesidad de invención la materia de su relato.
(ALBERCA, 1993, p. 9)

Assim, é importante ressaltar que existam – e certamente ainda existem – teóricos que consideram a autobiografia um gênero menor, Benjamim é um exemplo deles. Quando situa o nascimento do romance como sendo uma evolução da narrativa: “O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Para o autor, o romance só nasce nesse período porque é nesse momento que passa a existir a noção de individualidade, assim, através do romance, o sujeito poderia se revelar.

Deste modo, romance e autobiografia seriam gêneros contemporâneos, ambos surgindo a partir da ideia do indivíduo. Porém, enquanto o romance representaria uma evolução, a autobiografia representaria um retrocesso, uma vez que não seria fruto de criação, mas sim uma espécie de narrativa que, ao contar as experiências do autor, aconselharia o leitor, igualando-se a pura e simples narração de fatos.

A autobiografia só irá ganhar, de fato, status de texto literário com o teórico francês Philippe Lejeune (1975) que cunhou o conceito de pacto biográfico, já revisito, inclusive pelo próprio autor, em seus ensaios “O pacto autobiográfico (bis)” e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”. No entanto, não podemos falar de autobiografia, tal como a entendemos hoje, sem comentar a respeito do conceito de pacto autobiográfico, essencial para compreender como a autobiografia se estabeleceu como gênero literário. O pacto biográfico funciona como um contrato de leitura, estabelecido pela identificação entre autor, narrador e personagem. Porém, a existência desse contrato não implica a inexistência de diferença entre os três. O narrador é sujeito da enunciação, enquanto o personagem é o sujeito do enunciado, ou seja, o primeiro narra a história e o segundo é o sujeito de quem se fala. O autor, por sua vez, é o referente, pois está fora do texto.

Nesse sentido, poderíamos dizer que a relação que se estabelece entre autor e narrador é bem clara: aquele que escreve o texto é aquele que o narra. Desse modo, constatamos que, apesar de ambos terem o mesmo referencial, estão em realidades distintas. Ao pensar na relação autor e personagem, por outro lado, deparamo-nos com um certo distanciamento, pois existe uma grande distância do fato ocorrido para o fato narrado. É dizer que, temporalmente falando, narrador e personagem estão distantes, uma vez que o narrador se baseia em suas memórias para formular o personagem.

A proposição do pacto autobiográfico, apesar de seu rigor teórico, funciona como uma espécie de manifesto, reivindicando o lugar de direito da autobiografia na literatura. Isso não significa que o gênero se limite apenas a esse elemento, nem que seus estudos não avancem constantemente. Deste modo, o próprio Lejeune, que tem dedicado a vida ao estudo dos relatos de vida, repensando sua obra diversas vezes, vem afirmar:

Assim, deixei de lado, em minha análise (embora figurasse em minha definição), outros elementos que, sem serem suficientes, são, entretanto, necessários para que um texto seja reconhecido como autobiográfico. Supervalorizei aparentemente o contrato e subestimei os três aspectos seguintes: o próprio conteúdo do texto (uma narrativa biográfica recapitulando uma vida), as técnicas narrativas (em particular o jogo de vozes e de focalização) e o estilo. (LEJEUNE, 2008, p. 70)

Lejeune admite seu excesso de rigor teórico ao conceituar o pacto. Algo que consideramos necessário, uma vez que, no imaginário de muitos, a autobiografia ainda continua sendo um gênero deficiente, ou por não se acreditar que é possível falar a

verdade sobre si, ou por crer que toda narrativa é uma fabricação. Assim, para alguns críticos só o romance representa um gênero superior. Essa predileção pelo romance em detrimento da autobiografia deriva, em parte, da fronteira ambígua em que podemos localizar a autobiografia – entre o simples relato real de uma vida e a escrita ficcional/estética, ou seja, entre um relato, “cópia” da realidade, e um trabalho artístico/criativo. Percebemos, hoje, após tantas discussões a respeito do lugar da autobiografia, e das biografias também, que existe um labor implícito e disfarçado na aparente repetição/retrato da realidade presente no gênero. Existe um trabalho de seleção e representação da vida que, em muitos casos, permite sim inserir a autobiografia como um gênero possível de ser analisado como literário. Por esse motivo, discordamos da percepção desprestigiada do gênero, ainda bastante presente nas críticas.

Desta feita, iremos, em nossa análise, dar atenção aos elementos citados acima, bem como ao pacto autobiográfico, não com um sentido rígido, mas sim como um contrato de leitura. Iremos, também, lutar em prol da autobiografia, exigindo seu lugar de direito. Para tanto, faremos uso desta inquietação que a autobiografia é capaz de causar em seu leitor, inquietação esta que também é percebida por Lejeune:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção, ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto para fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. (LEJEUNE, 2008, p. 85)

Deste modo, essa inquietação representa um dos elementos causadores do crescente ganho de espaço da escrita de si na sociedade moderna, uma vez que esse tipo de literatura permite reflexões sobre o eu, ou seja, um indivíduo com vivências únicas, criador da história, transformador da sociedade e sujeito legítimo do discurso, como também levantará Teixeira:

A reconstituição da história de vida é vista como transformadora e reconstituente do sujeito, na medida em que ele toma consciência das nuances de seu percurso, podendo resignar suas experiências, sair de uma posição de alienação frente à História, situando-se através da sua história como agente de sua vida e da coletividade. (TEIXEIRA, 2003, p.39)

Tendo em vista todas as colocações que aqui foram feitas a respeito do gênero autobiográfico, é importante ressaltar que a análise que se seguirá, buscará perceber como se configura o gênero autobiográfico a partir das características que compõem o gênero. Não obstante, a ideia de que as histórias de vida abrem espaço para o diálogo com outras disciplinas além da literatura, como a psicologia, a sociologia e a História. Essa noção estará sempre presente, possibilitando a construção de pontes que permitirão o diálogo entre o eu e o outro, bem como reflexões a respeito da identidade feminina.

3. A construção autobiográfica na obra de Catalina

Catalina de Erauso representa um importante personagem histórico dos séculos XVI e XVII. A seu respeito existe a sua autobiografia – publicada em pelo menos três versões –, e um memorial escrito para o rei Felipe IV. Optamos, neste trabalho, por

analisar uma das versões de sua autobiografia editada por Ferrer e publicada no início do século XIX. A escolha da autobiografia ocorre pelo leque de possibilidades que o gênero abre; e pela edição de Ferrer, pela facilidade de acesso ao texto.

Em sua autobiografia intitulada *Historia de La Monja Alferéz, D. Catalina de Erauso, Escrita por ella misma, e ilustrada con notas y documentos P.D.J.M.DF*, Catalina narra sua história desde o nascimento até o ano de 1626. Essa monja nasceu na Espanha em 1585 e aos quatro anos foi enviada ao Convento de Las Hermanas Dominicanas de San Sebastián el Antiguo, onde viveu até os seus 15 anos, como se pode ver na citação abaixo:

Nací yo dona Catalina de Erauso en la villa de San Sebastian de Guipuzcoa, en el año de 1585: hija del capitan D. Miguel de Erauso y de doña María Perez de Galarraga y Arce, naturales y vecinos de dicha villa. Criéronme mis padres en su casa con otros mis hermanos hasta tener cuatro años. En 1589, me entraron en el convento de Say Sebastian, el Antiguo de dicha villa; que es de motijas, dominicas con mi tia Doña Ursula de Uiza, y Sarasti, prima hermana de mi madre, priora de aquel convento, donde me crié hasta tener quince años, y entonces se trató de mi profesión. (ERAUSO, 1838, p. 19-21).

A princípio podemos observar que está estabelecido na obra o conceito de pacto autobiográfico proposto por Lejeune, uma vez que o nome de Catalina está presente na capa da obra, representando a autoria, como está também dentro do texto representando narrador e personagem: “Nací yo dona Catalina de Erauso”. Sendo assim, temos o primeiro elemento configurador do gênero autobiográfico: o pacto estabelecido entre autor e leitor. O pacto autobiográfico, entretanto, não é o único elemento constitutivo do gênero. Como já mencionado anteriormente, o conteúdo, as técnicas narrativas e o estilo serão de extrema importância também.

No que diz respeito ao conteúdo da narrativa, é fácil perceber que se trata da história de vida de Catalina de Erauso, autora que escreveu sua autobiografia no decorrer de sua vida, de modo que o texto se aproximava de um diário de viagens. Sendo assim, o conteúdo da obra é a história de Catalina contada por ela mesma: “Corrió la noticia de este suceso por todas partes, y los que antes me vieron, y los que antes y despues supieron mis cosas se maravillaron en todas las Indias.” (ERAUSO, 1838, p.113). A sua história, entretanto, é contada a partir de escolhas conscientes e inconscientes. Entram nesse jogo, elementos da memória e escolhas narrativas.

Nas técnicas narrativas, Catalina focaliza os acontecimentos concretos, deixando de lado, na maior parte do texto, seus sentimentos e emoções. Costuma narrar de forma sucinta, porém é possível perceber sutis diferenças narrativas associadas ao papel que ela está assumindo, como se percebe no fragmento abaixo, em que a identidade assumida diz respeito ao alferes:

(...) llegando cerca de San Francisco me dió el Cid por detras con la daga una puñalada, que me pasó la espalda por el lado izquierdo de parte á parte: otro me entró un palmo de espada por el lado izquierdo, y caí en tierra echando un mar de sangre.

Con esto, unos y otros se fueron: me levanté con ansias de muerte, y ví al Cid á la puerta de la iglesia: fuíme á el: y él se vino á mi diciendo: perro ¿todavía vives? Me tiró una estocada y la aparté con la daga, y yo le tiré otra con tal suerte, que se la entré por la boca del estómago atravésándole, y cayó pidiendo confesion. (ERAUSO, 1838, p. 99)

Trata-se da narração do desfecho de uma briga iniciada por causa de um jogo. Quando Catalina percebe que estava sendo roubada, atravessa uma adaga prendendo a mão de seu adversário contra mesa, iniciando um confronto que acaba na morte do adversário. Em contraste com essa fala repleta de ação, temos esta outra, em que a identidade assumida por Catalina volta a ser a de monja:

A la mañana, como á las diez, su ilustrísima me hizo llevar á su presencia, me preguntó quién era, y de dónde, hijo de quién , y todo el curso de mi vida, causas y caminos por donde vine á parar allí, fue en esto desmenuzando tanto, y mezclando buenos consejos, los riesgos de la vida, y espantos de la muerte, contingencias de ella, y el asombro de la otra si no me cogia bien apercebido, procurándome sosegar y reducir á aquietarme, y arrodillarme á Dios, que yo me puse tamañito: me descúbro viendo tan santo varon, y pareciendo estar yo en la presencia de Dios, y le digo: señor, todo esto que he referido á V.S. ilustrísima no es así, la verdad es esta: que soy una muger, que nací en tal parte, hija de fulano y sutana: que me entraron en tal edad en tal convento, con fulana mi tia: que allí me crié: que tomé el hábito: que tuve noviciado: que estando para profesar, por tal ocasion me salí: que me fuí á tal parte, me desnudé, me vestí, me corté el cabello: partí allí y acullá, me embarqué, aporté, traginé, maté, herí, maleé, correteé, hasta venir á parar en lo presente, y á los pies de su señoría ilustrísima. (ERAUSO, 1838, p. 108109)

Os dois fragmentos apresentados acima também são representativos do estilo assumido por Catalina, podemos ver expressões como “y caí en terra echando un mar de sangre” e “me levanté con ansias de muerte” que são representativas do trabalho realizado com as palavras. Assim como diversos outros fragmentos.

No conjunto dos elementos da autobiografia de Catalina, percebermos que ela procura construir uma imagem de si. Certamente, nenhuma vida caberia completa e em seus mínimos detalhes nas páginas de um livro, o autor de uma biografia ou autobiografia é obrigado a fazer recortes para selecionar aquilo que será contado e escolhas discursivas de como irá organizar a narrativa:

El autobiógrafo aspira a construir una imagen convincente de sí mismo, fiel al pasado y ajustada al presente. Para ello, y ante la imposibilidad de contarlo todo debe seleccionar, recuperados por la memoria, aquellos episodios formadores del ser más personal, darles un tratamiento temporal y una gradación adecuada, desde la perspectiva y voz narrativas requeridas. (ALBERCA, 1993, p. 9)

Quando falamos do jogo de vozes presente na obra da Monja Alferes, estamos remetendo diretamente às escolhas discursivas. Essas ocorrem em qualquer autobiografia, pois ainda que seja um gênero intimista, a autobiografia é escrita para um leitor, que deve ser considerado pelo autor da obra. O conteúdo da obra de Catalina é demasiado incomum, o que parece ser uma controvérsia, já que, ao narrar, a autora demonstra muita naturalidade, o que se observa na sequência dos fatos narrados como não houvesse nada incomum.

É interessante perceber que Catalina escreve no século XVII, em que as novelas picarescas estavam em alta na Espanha, e ainda que não se possa afirmar que tenha tido contato direto com esse gênero, sua obra parece ter sido, de alguma forma, influenciada por ele. É possível perceber essa influência desde o início do texto, na apresentação que Catalina faz de si. Se tomarmos como exemplo o *Lazarillo de Tormes*, cujas primeiras edições datam de 1554, podemos perceber que se trata da história, contada de maneira

autobiográfica, de Lázaro de Tormes, e que a introdução da obra muito se assemelha a narração de Catalina: “Pues sepa Vuestra Merced, ante todas cosas, que a mí llaman Lázaro de Tormes, hijo de Tomé González y de Antona Pérez, naturales de Tejares, aldea de Salamanca. Mi nacimiento fue dentro del río Tormes, por la cual causa tomé el sobrenombre” (RICO, 2006, p. 12)

Observando a obra como um todo, também é possível ver que a trama narrada se assemelha a das novelas picarescas, uma vez que este gênero possui a estrutura de autobiografia utilizada para uma obra ficcional. Contudo, as novelas picarescas estão marcadas por um forte teor determinístico, o que vai contra a obra da Monja Aferez, que tem um desfecho que pode ser considerado como inusitado, uma vez que Catalina recebe a autorização do papa para continuar em hábito de homem: “Partí de Génova á Roma: besé el pie á La santidad de Urbano VIII, Le referí en breve, y lo mejor que supe, mi vida y correrías, mi sexo y virginidad: mostró su santidad estrañar tal caso, y con afabilidad me concedió licencia para proseguir mi vida en hábito de hombre”. (ERAUSO, 1838, p.126).

Quando falamos em novela picaresca, estamos, certamente, nos referindo ao gênero romanesco. Esta semelhança estrutural entre os dois gêneros, reforça, mais uma vez, a importância do pacto autobiográfico, revelando que a linha que divide os dois gêneros pode se tornar tênue, sendo mais uma questão de perspectiva, do que estrutura. O último elemento a ser considerado dialoga com outros campos de estudo – história, sociologia, psicologia e psicanálise. Certamente, ao transfigurar sua vida para o papel, Catalina fez uso de várias escolhas, algumas de cunho linguístico, outras um tanto mais subjetivas. Não podemos aqui, e não é nosso propósito, fazer afirmações sobre o interior psicológico de Catalina de Erauso. Nossa matéria de estudo é o texto e é ele que norteará constantemente esta análise.

Por outro lado, tratando-se de literatura, principalmente em um gênero intimista como a autobiografia, é impossível negar que o texto fala, não apenas em suas linhas, a superfície da história, como também pelas entrelinhas e todas as indagações que nos evoca. Acreditamos, assim, que a obra da Monja Alferes nos permite fazer certas conexões, ultrapassando os limites literários, iremos nos apropriar do posicionamento de Catalina para propor uma discussão, sobre elementos bastante atuais como a identidade, o gênero e a sexualidade que, de algum modo, estão tão entrelaçados nessa obra que não parece pertinente ignorá-los.

4. Identidade, gênero e sexualidade

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.

Chimamanda Adichie

Quando pensamos em identidade, é possível acionar diversas imagens, entre elas, o documento de identidade, tal como o cadastro de cada indivíduo de uma sociedade. Ou, de forma mais subjetiva, pode evocar a identidade de uma pessoa, como sendo o conjunto de características que a define. Também associamos a identidade de um povo, ou de uma

sociedade. As referências são tantas que o sentido da própria palavra se perde. Mas, a verdade é que as identidades são múltiplas, sendo impossível reduzir um povo inteiro a uma única identidade, nem um grupo específico, nem mesmo um único indivíduo. Quando associamos identidade a uma categoria estática, esta perde seu sentido e torna-se uma mera alegoria.

É recorrente insistirmos nessa visão da identidade como algo estático, seja por quais forem os motivos, reproduzimos um discurso pautado não mais na noção real de identidade – se é que existe de fato uma – e reduzimos uma multiplicidade de identidades a um único aspecto. Isto ocorre por diversos motivos: às vezes pela necessidade de representação de uma comunidade ou nação, que acaba reduzindo cada indivíduo a traços gerais tomados de uma vontade de representar o coletivo e não preocupados em representar as dinâmicas ambíguas do grupo ou de cada subjetividade; ou, outras vezes, quando uma história é contada de uma única perspectiva, e repetida tanto que se torna uma verdade incontestável.

Essa verdade incontestável, entretanto, não existe, pois tudo se trata, apenas, de uma perspectiva. Claro que se fizermos um estudo mais atencioso da história, iremos perceber que quando só um lado tem voz é muito fácil que só exista uma história. Como afirma Chimamanda Adichie, o poder é capaz de tornar uma história única. Porém, quando refutamos essa “história única”, nos deparamos com uma multiplicidade de histórias.

Um exemplo próximo que pode ser apontado, dentro da nossa área de estudo de literatura e cultura hispo-americana, é o do “descobrimento” da América, que contado pelos colonizadores se estabeleceu como um processo de descoberta, de algo passivo, e que fundamentalmente se realiza em seu apogeu em decorrência das ações desses colonizadores. Essa visão da colonização como uma benfeitoria se torna uma verdade do imaginário coletivo. Porém, quando estudiosos como Edmundo O’Gormam em *A invenção da América* se propõem a pensar e repensar a noção de “descobrimento”, possibilita-se uma mudança de ponto de vista que permite a substituição do termo “descobrimento” pelo termo “achamento”. Vemos aí uma nova visão nascer e a História passa, então, a ser atravessada por diferentes pontos de vista permitindo a existência de uma trama múltipla na sua constituição.

Dentro deste contexto, também temos a história feminina, que ficou silenciada por séculos, graças à hierarquia que definia a mulher como sendo inferior aos homens, como explica Valdés: “En efecto, a los hombres les estaba reservado el predicar, el razonar, el conocer los textos, el estudiar, el conocer el mundo y el tratar con los hechos externos. Todo ello estaba vedado a las mujeres, por su naturaleza poco favorecida.” (1993, p.476). É necessário, portanto, repensar o espaço da mulher nessa sociedade. Para tanto, a palavra da própria mulher é a melhor ferramenta, pois como aponta Chimamanda em sua palestra TED, “O perigo de uma história única”: “Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”. Neste sentido, o homem branco representava o poder no período colonial, ele possuía a palavra e contava as histórias. A história da mulher foi contada pelo homem, que delimitou o espaço feminino. Entretanto, de maneiras não convencionais, algumas mulheres ousaram burlar essa ordem patriarcal, como é o caso de Catalina de Erauso. Não são muitos os registros da atuação de mulheres de forma relevante e diferenciada da expectativa doméstica no decurso da História Colonial das Américas (para não dizer de toda essa história até os dias de hoje), mas trabalhos como o de Juan Francisco Maura conseguem apontar e identificar algumas dessas mulheres.

É importante ressaltar, que para entendermos como se constroem as noções de sexualidade, gênero e identidade é necessário muita cautela com generalizações, pois não

existe uma única identidade estática, como podemos perceber ao longo desta autobiografia, pelo contrário, todo indivíduo é composto por diversas identidades, e essas identidades são permanentemente mutáveis. A construção do gênero, bem como da identidade, são transpassadas por uma sociedade historicamente e culturalmente localizada. Ao refletir sobre a obra de Catalina a luz de das discussões atuais, precisamos ter este contexto sempre em mente. Sobre esse cuidado, nos alerta Gruzinski:

Mas outra cilada espreita o pesquisador: a noção de identidade que atribui a cada criatura ou a cada grupo humano características e aspirações igualmente determinadas, supostamente fundadas num substrato cultural estável ou variante. Essa definição pode tanto vir dos interessados como de um reflexo condicionado do observador e reduzir-se na linguagem corrente a uma etiquetagem sumária que logo vira caricatura. (2001, p. 52)

Assim, nosso objetivo não é definir, categorizar, etiquetar, mas sim problematizar e desconstruir essa categoria “mulher”. Não obstante, é inegável que dentro de cada sociedade, em um espaço historicamente definido, podemos encontrar determinados “padrões” de identidade, que irão ser norteados pelas noções de sexo, gênero e sexualidade. Dentro desses padrões, iremos encontrar incoerências, a partir de pessoas que fogem dessa padronização:

En la medida en que la “identidad” se preserva mediante los conceptos estabilizadores de sexo, género y sexualidad, la noción misma de “la persona” se pone en duda por la aparición cultural de esos seres con género “incoherente” o “discontinuo” que aparentemente son personas pero que no se corresponde con las normas de género culturalmente inteligibles mediante las cuales definen las personas. (BUTLER, 2014, p. 72).

Certamente, os conceitos estabilizadores da identidade hoje, não são os mesmos do século XVII. A sociedade se modificou, com sua mudança sugeriram novos papéis a serem exercidos pelas mulheres, porém, quais fatores nortearam as mudanças de paradigma da mulher na sociedade ocidental? Seriam essas pessoas de gênero incoerente ou descontínuos que dariam margem para essa mudança?

A sexualidade é um dos fatores estabilizadoras do gênero. Assim, é comum cair no erro de que uma pessoa que reivindique o gênero seria necessariamente homossexual. Este pensamento gera uma série de preconceitos, concebidos, novamente, na necessidade de categorizar. Como vai nos dizer Butler:

No se puede establecer ninguna correlación, por ejemplo, entre el travestismo o el transgénero y la práctica sexual, y la distribución de las inclinaciones heterosexual, bisexual y homosexual no puede determinarse de manera previsible a partir de los movimientos de simulación de un género ambiguo o distinto. (BUTLER, 2014, p.16)

5. Desconstruindo o gênero na obra da Monja Alférez

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância.”

Simone Beauvoir

É inegável que o estudo de um texto rico como o de Catalina abre espaço para várias reflexões que extravasam até o próprio texto, pois a partir dele tecemos conexões entre o ontem e o hoje, e vemos de forma mais ampla o espaço delimitado historicamente pela mulher. Neste sentido, é possível perceber que as questões de gênero permeiam a obra, nos possibilitando ampliar esta discussão.

Ficam evidentes as diversas identidades que Catalina assume no decorrer de sua trajetória, adequando-se a diferentes contextos. Uma mulher que teve praticamente, exceto até completar quatro anos, toda sua criação em um convento, e ainda assim consegue construir relações culturalmente distantes da sua realidade de monja, como se passar por homem e se inserir em um batalhão, assumindo uma identidade masculina. Podemos dizer que Catalina transita entre diferentes identidades, femininas e masculinas, adequando-se às suas necessidades pessoais e também às sociais. Quando se trata de ocupar os espaços e configurações da identidade masculina, ela não parece hesitar, como se vê na citação abaixo.

Yo reparé en ello, cerré mi tienda, tomé un cuchillo, fuíme á un barbero é hícele amolar y picar el filo como una sierra: púseme una espada, que fue la primera que ceñí; vide á Reyes delante de la iglesia paseandose con otro, fuíme á él por detras, y le dijele ¡ah señor Reyes! Volvió él y dijo: ¿Que quiere? Dije yo: esta es la cara que se corta, y dile con el cuchillo un refilon de que le dieron diez puntos (1) él acudió con las manos á su herida: su amigo sacó la espada y vinose á mi, yo á él con la mia: tiramos los dos, y yo le entré una punta por el lado izquierdo, que lo pasó y cayó. (ERAUSO, 1838, p. 55)

Podemos ver no fragmento acima a personificação do homem corajoso, aventureiro e briguento, que duela em nome de sua honra. Parece claro que se trata de uma identidade permitida apenas para o gênero masculino, gênero este que teria como primeiro critério o sexo masculino. Porém, sabemos que se trata de uma mulher travestida de homem e, portanto, comportando-se como tal, o que quebra as expectativas do gênero. Assim, Catalina ocupa os espaços possíveis para ambos os gêneros, ora se posicionando discursivamente no masculino, ora no feminino. Pode-se perceber isso na oscilação do uso das marcas indicativas de gênero para referir-se a si mesma ao longo da narrativa. Por exemplo, na página 87, ela afirma: “Paséme á la Paz, donde me estuve *quieto* algunos días” (ERAUSO, 1838, p. 87). Mais adiante, após confessar ser mulher, diz o seguinte: “Dije, señor, es así: y se quiere salir de duda V.S. ilutrísima esperiencia de matronas, yo *llana* estoy” (ERAUSO, 1838, p. 110). No primeiro fragmento, ao usar “quieto”, identifica-se discursivamente no gênero masculino e no segundo, ao utilizar “llana”, identifica-se com o feminino. Essa aparente oscilação não desinteressada, porque, ao longo da narrativa de sua vida, ela recorre a um ou outro gênero quando cada um parece lhe favorecer mais. No caso dessa última citação, Catalina ao finalmente confessar ser mulher buscava fugir de uma condenação por assassinato; revelar e assumir a identidade feminina foi o que lhe permitiu escapar.

No que diz respeito à sexualidade, não podemos afirmar qual seria a opção sexual de Catalina. Sabemos que como alferes ela teve pretendentes mulheres e chegou a noivar com uma, porém essa atitude pode ter sido motivada por uma pressão decorrente do papel de soldado, homem, escolhido por ela. Catalina não é clara sobre essa questão em nenhuma parte da narrativa, o que poderia ser uma forma de autopreservação, uma vez que essa temática não seria um conteúdo pertinente dentro do espaço que sua autobiografia pleiteava ocupar na época. Assim, ela apenas faz alguns comentários sobre suas impressões, como este que fala do aspecto desagradável de uma mulher que tentava

conquistá-lo(a): “A pocos me dio a entender que tendría a bien que me casase con su hija, que allí consigo tenía; la cual era muy negra y fea como un diablo, muy contraria a mi gusto, que fue siempre de buenas caras.” (ERAUSO, 1838, p. 35).

6. Considerações finais

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

Chimamanda Adichie

O cenário criado após achamento do continente que viria se chamar América foi um momento crucial na história da humanidade. A história que se seguirá após o “descobrimento” será fundamental na formação da identidade cultural da América do Sul. A colonização, realizada por diferentes países europeus, esteve marcada por um período de escravidão, opressão e massacre indígena.

Seria possível pensar que posteriormente as “independências” dos países da América Latina, os habitantes desses países estariam totalmente livres. Porém, esse pressuposto, como sabemos, é errôneo, pois a lógica da dominação e exploração prosseguia, como prossegue mascarada até hoje.

É apenas no século XX que começará a geminar uma nova ideia de América Latina, que dará origem, no século seguinte, a ideia da descolonização. É neste período, também, que mundialmente, a noção de sociedade passa não mais a contemplar a todos, surgindo a necessidade de estudar as inquietudes do eu.

Neste contexto, autobiografias surgem com uma força enorme, pois propiciam ao homem moderno a possibilidade de revelar as vicissitudes de sua vida, de sua intimidade. As autobiografias representam uma indagação feita à história oficial, pois contam uma nova história, de um novo ponto de vista.

De posse da palavra escrita, essas mulheres abriram a possibilidade de reconfiguração de um modelo socialmente aceito de mulher que, na verdade, mostrou-se ser bem mais complexo e diversificado do que é normalmente convencionalizado. Assim, concluímos que ser mulher na América colonial engloba não apenas uma convenção determinada pelo contexto histórico e social, mas sim uma categoria ampla, que não pode ser delimitada por um único modelo, como vem afirmar Butler:

El género es una complejidad cuya totalidad se posterga de manera permanente, nunca aparece completa en una determinada coyuntura en el tiempo. Así, una coalición abierta creará identidades que alternadamente se instauren y se abandonen en función de los objetivos del momento; se tratará de un conjunto abierto que permita múltiples coincidencias y discrepancias sin obediencia a un *telos* normativo de definición cerrada. (2014, p. 70).

Por fim, concluímos com essa análise que o termo “mulher” na América colonial englobava não apenas uma convenção determinada pelo contexto histórico e social, mas sim uma categoria ampla e diversificada, que não pode ser delimitada por um único modelo, pois nenhuma identidade é completa e imutável. Deste modo, este estudo buscou

resgatar a voz da mulher para desmistificar alguns pressupostos errôneos, assim como reivindicar um espaço, mais que merecido, da literatura feminina do período colonial.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.4, n°7, 1991, p.66-81.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURKE, Peter. **El renacimiento**. Barcelona: Crítica, 1999.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2014.
- EURASO, Catalina. **Historia de la monja alferez, D^a Catalina de Euraso, escrita por ella misma**. Barcelona: Imprenta de José Tauló, 1838.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- KLÜGER, Ruth. Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos. In GALLE, Helmut et alii (orgs.). **Em primeira pessoa. Abordagens de uma teoria de autobiográfica**. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009.
- RICO, Francisco (ed.). **La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas adversidades**. Madrid: Cátedra, 2006.
- LEJEUNE, Phillip. **O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MAURA, Juan Francisco. **Españolas de ultramar en la historia y la literatura**. Valência: Universitat de València, 2005.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 14, n.1, p. 37-64, 2003.
- VALDÉS, Adriana. O espaço discursivo da mulher na colônia. In PIZARRO, Ana (org.). **América latina: palavra, literatura e cultura**. vol. 1. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993.